

“Nosso Intervalo”

CEMEI Maria Tarcilla Fonasaro Melli

Prof. Alessandro Marques da Cruz

A Escola CEMEI Maria Tarcilla Fonasaro Melli, localizada na região periférica do município de Osasco (SP), foi inaugurada em setembro de 2004, e neste ano só funcionaram as turmas de Educação Infantil. O Ensino Fundamental iniciou seus trabalhos em 2005, a partir da remoção de professores de outras unidades. O prédio da escola foi construído para ser um hospital, mas foi interditado por diversos problemas: encanamentos, saída de emergência, escoamento para o lixo hospitalar e outras estruturas. Após a interdição da obra, foi dado um prazo para adequação, mas devido aos custos, a obra foi abandonada pelo poder público e invadida por várias famílias.

Em 2002, seus habitantes foram transferidos para um conjunto habitacional construído nas imediações. Depois da retomada de posse, o projeto foi modificado e o governo municipal construiu uma escola destinada ao público na faixa etária de 0 a 10 anos.

Em função dos contrastes sociais presentes no entorno da instituição, freqüentam a escola as crianças pertencentes à classe média, moradores dos prédios e condomínios próximos, como também, aquelas que residem em área livre próxima à escola, cujas famílias lutam com grandes dificuldades econômicas para sobreviver dignamente. Alguns alunos utilizam o transporte escolar, o que indica serem oriundos de bairros mais distantes. A escola apresenta uma diversidade cultural em relação à origem das famílias que fazem parte da nossa unidade escolar, sendo:

- ✓ 441 nascidos no Estado de São Paulo, representando 59% ;
- ✓ 202 nascidos nos Estados do Nordeste, representando 27% ;
- ✓ 14% de outros Estados.

Esta é uma pequena caracterização da nossa comunidade, na tentativa de aproximar o leitor da nossa realidade política, social e econômica. Os dados sobre a construção da escola foram pesquisados através dos próprios moradores do bairro, já as informações referentes à diversidade e origem das famílias foram obtidas no projeto da escola.

## **Por que surgiu o Projeto Nosso Intervalo?**

Nosso projeto surgiu no ano de 2007, como uma idéia dos professores do ciclo inicial do ensino fundamental de 1ª à 4ª série. Diariamente durante os horários de intervalo, na sala dos professores nós conversávamos sobre as problemáticas acerca da instituição, porém alguns assuntos não são possíveis discutir em tão pouco tempo, outros acabam caindo no esquecimento ou no discurso do culpado. Para evitarmos essas armadilhas do desabafo, onde a crítica será esquecida ou encontrará um culpado, procuramos abandonar a falsa sensação que a crítica irá resolver o problema, logo, sugeri que déssemos o devido tratamento às discussões.

Diante da grande problemática enfrentada durante os intervalos das aulas, onde o contexto apresentava brigas, desperdício de alimentos, falta de higiene, acidentes constantes pela correria, pombos que eram atraídos pelos restos de lanches no pátio, banheiros entupidos com maçãs, folhas, galhos arrancados das plantas, entre outros, decidimos levar o assunto aos Horários de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), ocasião em que seria possível, de forma coletiva, melhor refletir sobre o problema e buscar ações e alternativas pedagógicas viáveis para sua solução. A discussão em HTPC foi muito produtiva, pois além de obtermos uma clareza maior do problema, surgiram diferentes pontos de vista, posicionamentos e argumentações como exemplo:

*Professora Célia “Eu tentei conversar, já chamei atenção, mas cada dia é um que chega machucado”.*

*Professora Adriana “Na minha sala tem uns três ou quatro que são terríveis”.*

*Professora Carla “Eu conheço uma escola que durante o recreio, as crianças realizam atividades, poderíamos colocar essas atividades”.*

*Professor Alessandro “Mas será que se colocarmos atividades prontas para nossos/as alunos/as sem sua participação, estaríamos exercendo uma escola democrática, crítica e transformadora?”.*

*Professor Alessandro “Queremos formar alunos críticos, conscientes da problemática escolar, agente transformador do seu espaço, estabelecendo um ambiente democrático e justo, no entanto, não cabe impor nenhuma atividade”.*

Após os assuntos levantados e discutidos, concluímos que seria necessário pensarmos um projeto, onde de forma coletiva deveríamos refletir sobre algumas questões que direcionaria o projeto:

- ✓ Como melhorar nosso espaço escolar?
- ✓ O que faremos e como faremos?
- ✓ Que escola nós queremos?
- ✓ Que alunos nós queremos formar?

Essas questões ajudaram o grupo de professores/as entender que poderíamos direcionar as ações didáticas de forma articulada com nosso projeto pedagógico e com o projeto político pedagógico da escola.

Sendo assim, foi sugerida a elaboração de uma Assembléia onde todos os atores envolvidos na dinâmica escolar pudessem participar de forma democrática, sugerindo, criticando, analisando e buscando, mediante um esforço coletivo, propor possíveis soluções. Agiu-se dessa forma, devido à impressão que somente uma ação didática democrática poderia desequilibrar a relação assimétrica de poder, dando voz aos silenciados e estabelecendo um espaço político onde, de fato, a função social da escola faça morada, criando um espaço de construção coletiva de um currículo mais justo. Organizamos nossa assembléia no pátio da escola com a participação dos alunos, merendeiras, equipe da limpeza, inspetor, professores/as, coordenadora pedagógica, vice-diretora e diretora da escola. A assembléia aconteceu em dois momentos, acompanhando a distribuição dos horários dos intervalos, sendo, no primeiro momento, com 1ª e 2ª séries e, depois, 3ª e 4ª séries. Para cada série, a escola dispunha de três salas, perfazendo um total de aproximadamente 180 alunos por intervalo. Essa organização visava garantir uma maior participação dos atores envolvidos.

A preocupação concentrou-se em disponibilizar condições para que os alunos pudessem falar e ser ouvidos. Afinal, isso era fundamental, para o entendimento de como formam suas interpretações do “eu” e da escola por meio da política da voz e da representação do estudante. Entender a voz do estudante é lidar com a necessidade humana de dar vida ao reino dos símbolos, linguagem e gestos. A voz do estudante é um desejo, nascido da biografia pessoal e da história sedimentada; é a necessidade de construir-se e afirmar-se em uma linguagem capaz de reconstruir a vida privada e conferir-lhe um significado, assim como, de legitimar e confirmar a própria existência no mundo. Logo, calar a voz de um aluno é destituí-lo de poder.

Iniciamos a Assembléia reforçando seus objetivos em garantir um espaço de participação coletiva, onde diferentes olhares possam contribuir na reflexão e tentativa de alcançar possíveis soluções para nossas problemáticas, evitando apontar culpados e acusar nossos pares, e sim, tentando responder à questão: Como melhorar nosso espaço escolar?

Durante nossa discussão e análise, uma professora ficou responsável em fazer o registro das problemáticas e das supostas alternativas e soluções sugeridas pelos dois grupos. Ao final da assembléia, a professora responsável pelo registro retomava a leitura dos apontamentos, encerrando os trabalhos com a apresentação do panorama do que foi discutido pelos atores envolvidos. O registro a seguir, traduz com fidelidade o conteúdo das discussões:

Assembléia realizada com as 1ª e 2ª séries
Quais as problemáticas encontradas durante nossos intervalos?
<ul style="list-style-type: none"><li>● Lixo no chão, tanto no pátio como ao redor da escola;</li><li>● Cuidados com as áreas verdes da escola;</li><li>● Correria a todo o momento;</li><li>● Uso incorreto dos banheiros;</li><li>● Muitas brigas nos intervalos;</li><li>● Bagunça no banheiro;</li><li>● Correria com pratos de comida no pátio;</li><li>● Guerrinha de frutas;</li><li>● Desperdício de comida;</li><li>● Pratos, copos e talheres jogados no lixo;</li><li>● Comer apenas no final do intervalo;</li><li>● Falta de respeito com os funcionários;</li><li>● Alimentar-se com as mãos sujas.</li></ul>
As possíveis soluções e idéias discutidas:
<ul style="list-style-type: none"><li>● Conversar e não brigar;</li><li>● Não jogar lixo no chão;</li><li>● Recolher o que jogou;</li><li>● Brincadeiras com elástico;</li><li>● Handebol;</li></ul>

- Basquete;
- Amarelinha pintada no chão;
- Casinha de boneca;
- Vôlei e carrinho de bate-bate;
- Bicicleta e natação;
- Piscina de bolinha;
- Cama elástica, gangorra, balão pula-pula e teatro;
- Xadrez e videogame;
- Skate e escorregador;
- Capoeira, balanço, brinquedos, tanque de areia.

Assembléia realizada com as 3ª e 4ª séries

Quais as problemáticas encontradas durante nossos intervalos?

- Filas sem organização;
- Desrespeito aos funcionários;
- Desperdício de alimentos;
- Desperdício de água, deixando as torneiras abertas;
- Mau uso dos banheiros;
- Não respeitar o sinal de término do intervalo;
- Palavrões riscados nas portas do banheiro;
- Correria e brigas nos intervalos;
- Alunos pegando insetos na grama e não lavando as mãos;

As possíveis idéias e soluções:

- Respeitar os funcionários da escola;
- Conversar e não brigar;
- Lavar as mãos antes de comer;
- Não ficar brincando com a água;
- Pegar apenas a quantidade de comida que conseguir comer;
- Cuidar melhor dos banheiros da nossa escola;
- Evitar derrubar comida e lixo no pátio para não atrair os pombos;

- Gostaríamos de utilizar as quadras em nosso intervalo;
- Futebol e outros jogos na quadra;
- Campeonatos na hora do intervalo;
- Espaço para dançar.

Nota-se que esta etapa do projeto foi de grande relevância, pois tomamos contato com o real contexto escolar, estabelecendo relações democráticas, onde os diferentes olhares e vozes foram legitimados, estimulando todos os atores a refletirem na busca de possíveis alternativas, pois, como parte responsável deste projeto, fomos desafiados a transformar esta realidade. Justamente neste ambiente concreto está a grande magia de organizar as ações didáticas que possam promover a interessante experiência de refletir, agir, transformar, produzir, reproduzir novas representações culturais, como agente politicamente transformador de uma realidade não estática.

Nossa Assembléia teve repercussão na escola inteira, pois alguns colegas que trabalhavam em outros segmentos (Creche e EMEI), felicitaram-nos pelo trabalho. Segundo afirmaram, jamais tinham visto uma construção tão interessante. Com o mesmo sentido, os sujeitos do processo apresentaram suas impressões:

*Professora Ivone “Nossa, foi muito produtiva a discussão, não ficou aquele clima de acusações e todos colocaram suas opiniões, foi super legal”.*

*Coordenadora Beatriz “Gostei da fala da cozinheira Raquel, como é importante o olhar de todos os funcionários da escola, né?”.*

*Professora Fátima “Gente, vocês viram as colocações dos nossos alunos, como eles participaram, fiquei impressionada com as críticas”.*

*Professor Alessandro “Achei interessante alguns alunos se posicionarem reivindicando espaços escolares para a manifestação de suas práticas culturais, pois ficam limitados apenas ao pátio”.*

*Inspetor Pedro “Acredito que agora muitas coisas irão mudar, pois não adianta ficar colocando os alunos de castigo aqui no pátio, sem explicar para eles porque não ter certas atitudes, acho que agora estamos no caminho certo”.*

Diante da repercussão e entusiasmo de todos, aproveitei para retomar a construção do projeto, observando os problemas e as soluções categorizados, percebendo a relação de temas que poderiam ser problematizados, assim, analisamos o conteúdo das posições discentes e organizamo-lo em temas: Meio-Ambiente, Agressividade, Desperdício de alimentos, Atitudes (respeito, cooperação, justiça e solidariedade), Higiene e espaço para as manifestações culturais dos estudantes acessadas pelas experiências paralelas à escola.

Nesse momento diante dos temas apresentados no registro, pensamos de forma coletiva ações didáticas, que pudessem conscientizar nossos estudantes e levá-los a refletir na seguinte questão: Como transformar o nosso espaço escolar?

Acreditamos que as temáticas que emergiram no nosso projeto, dialogam com um modelo curricular que foge à lógica do currículo linear-disciplinar que acaba se configurando, na maioria dos casos, como disciplinas isoladas, desarticuladas do real contexto escolar, não se prestam atenção aos saberes e interesses dos educandos, que são silenciados e assumem papel de meros ouvintes, reforçados pela quantidade de informação e memorização criticadas por Paulo Freire como educação bancária, onde os educandos não são estimulados a refletirem sobre sua realidade, percebendo-se como agentes transformadores, apenas reprodutores de informações.

Diante do nosso contexto e desafiados a promover um ambiente de construções coletivas, os inspetores, as merendeiras e a equipe da limpeza decidiram contribuir com a observação, orientação e intervenção junto aos alunos, enquanto o corpo docente organizou ações didáticas que concretizassem a função social de uma escola cidadã, formando alunos críticos, participativos e conscientes das problemáticas escolares e sociais, assumindo o papel de agente político e transformador do seu espaço e contribuindo no processo de construção de uma sociedade mais justa.

As atividades desenvolvidas podem ser sintetizadas no quadro a seguir:

1ª séries	As professoras trabalharam com o tema: “A escola de nossos sonhos”. As crianças fizeram um desenho da escola de seus sonhos, e depois as professoras abriram uma discussão sobre o tema, problematizando-o a partir de questões como: Será possível transformar nossos sonhos em
-----------	---

	<p>realidade?</p> <p>Como poderíamos mudar essa realidade?</p> <p>Quais atitudes poderão nos ajudar a melhorar nossa escola?</p>
2ª séries	<p>As professoras articularam as problemáticas do intervalo com o tema do Meio-Ambiente: Conscientização dos cuidados com nossa escola, incentivando nossos alunos a conscientizar outros alunos, sendo assim um agente do bem, preservando limpa nossa escola.</p>
3ª séries	<p>Trabalharam com o tema: “Escola, nosso Meio-Ambiente”, problematizando os cuidados a serem adotados nas diversas áreas escolares: banheiros, pátio, salas de aula, paredes e áreas verdes.</p>
4ª séries	<p>As professoras trabalharam a questão da limpeza escolar, a importância da reciclagem do lixo, além de problematizar o desperdício de água e alimentos.</p>

Nas aulas de Educação Física de 1ª à 4ª séries foram organizadas as seguintes ações pedagógicas:

Em rodas de conversa, discutimos e percebemos como as questões de meio-ambiente, desperdício de alimento, agressividade, higiene fazia parte do nosso contexto escolar. Nessa ocasião, indagamos os alunos acerca das responsabilidades pelo intervalo, quais atitudes poderiam mudar esse contexto e quais atividades poderíamos criar ou desenvolver em nosso intervalo.

Após sensibilizá-los como agentes transformadores e também responsáveis pelo contexto escolar, os/as alunos/as foram sugerindo as manifestações culturais que gostariam de vivenciar durante os intervalos. A partir daí, foram organizados quadros de mapeamento das atividades culturais dos/as alunos/as, que, para além do reconhecimento do patrimônio cultural da nossa comunidade escolar e sua diversidade, enfatizaram a necessidade de elaboração de um currículo que respeitasse as suas diferenças culturais.

Entremeadas pela discussão, eclodiram as seguintes práticas corporais: futebol, corda, dama, bambolê, ping-pong, judô, dominó, basquete, vôlei, futebol de botão, vídeo-game, perna de pau, xadrez, carrinho, boneca, pipa, queimada, taco, capoeira, alerta, baralho, handebol, pebolim, polícia e ladrão, cobrinha, esconde-esconde, mãe da rua, pega-pega, elástico, parquinho, piscina de bolinha e cambalhota.

Além das manifestações citadas, os/as alunos/as pensaram em um espaço onde pudessem apresentar-se durante o intervalo denominado Espaço de apresentação composto por: Teatro, desenhos, pinturas, danças, ídolos, músicas, filmes, histórias, poemas, teatro de fantoche, capoeira, lendas.

Após os grupos relatarem suas experiências culturais, reunimo-nos durante as aulas seguintes e discutimos como organizar as atividades. Concluída a organização, vivenciamos as práticas mencionadas pelos estudantes no decorrer das aulas e, a partir daí, definimos pontos interessantes como:

- Quais atividades fariam parte do nosso intervalo, pois nem todas as atividades sugeridas eram possíveis acontecer naquele momento, devido o custo de alguns materiais e outros que não tínhamos disponíveis na escola;
- Como organizá-las e onde iríamos guardar os materiais após o intervalo?
- Definimos que ficaria uma série responsável, a cada semana, por cuidar e guardar os materiais;
- Deveríamos ter paciência e cooperar na divisão dos materiais, pois não temos quantidade suficiente para todos;
- Quando surgir algum problema tentar resolver conversando, se não resolver, procurar os inspetores ou os professores;
- Combinamos que todas as segundas-feiras as quadras ficariam a disposição dos grupos e todas as terças-feiras o espaço de apresentação com som, microfone e música, ficaria disponível aos estudantes, podendo trazer seus CDS, sendo respeitado seu estilo musical.

Após a experiência realizada em aula, dedicamo-nos a organização dos horários de intervalo. Para tanto, os/as alunos/as foram acompanhados pelo professor durante o primeiro mês, juntamente com os inspetores. Na primeira semana os grupos estavam muito eufóricos, transitavam de uma atividade a outra, o grupo responsável em organizar e conduzir as atividades encontrou dificuldades em estabelecer regras para o uso de alguns materiais e sugeriram discutir em aula essa questão. Foi possível perceber que uma semana seria muito tempo para um grupo organizar as atividades, pois a vontade de brincar era grande, assim decidimos diminuir para dois dias para cada grupo. Durante esse período, muitas coisas interessantes foram acontecendo às crianças, gradativamente, foram exercendo sua autonomia. Na dinâmica dos intervalos, foram estabelecendo outras representações em relação às formas de organização, deixando de ser apenas uma sala

responsável a cada dois dias, para consciência de que todos seriam responsáveis por cuidar e guardar os materiais.

Surgiram outros aspectos interessantes que vale a pena serem ressaltados como, por exemplo, o surgimento de outras manifestações culturais que não foram sugeridas durante o mapeamento das atividades, mas que surgiram nos intervalos: cards<sup>10</sup>, cabo de guerra, barra manteiga, lutas e hip-hop. Durante o espaço de apresentações surgiram: concurso de piadas, teatro de fantoche com texto, bonecos e cenário criado pelas crianças, além da organização de um campeonato de duelos de cards com inscrições abertas aos interessados.

As situações foram sendo problematizadas, replanejadas e auto-avaliadas durante as aulas e os intervalos, juntamente com os/as alunos/as. Nessa dinâmica foram construídas e produzidas diferentes atividades entre os dois grupos, pois os intervalos de 1ª e 2ª séries acontecem em horários diferentes das 3ª e 4ª séries. Visivelmente os intervalos da CEMEI Maria Tarcilla Fonassaro Melli, já apresentavam uma nova estrutura, diante de tal cenário, colocamos seus atores diante do texto, ou seja, estimulamos nossos/as alunos/as a realizarem uma leitura crítica do processo de transformação do intervalo, refletindo e reconhecendo-se como produtores culturais e agentes transformadores, ao ler a obra produzida e reconstruída por eles, estabelecem outras representações como escritores de uma nova história.

Em 2008, realizamos outra Assembléia onde o projeto foi apresentado para os novos colegas das 1ª séries. Também aproveitamos para realizar uma avaliação do projeto do ano anterior. Colocamos alguns pontos de dificuldade e outros positivos, as crianças fizeram suas considerações e também sugeriram algumas alternativas para o novo ano.

Dentre os pontos positivos o grupo destacou:

- O intervalo teve papel importante na aproximação e percepção das manifestações culturais dos/as alunos/as, pois foi possível perceber o Hip-hop, que passou a ser tema estudado em Educação Física;
- Serviu como mapeamento do patrimônio cultural da comunidade escolar, garantindo sua manifestação;
- Validação dos Pais, Perueiros e os Estudantes de outro período,
- As ocorrências de brigas e acidentes durante o intervalo diminuíram significativamente;
- A grande maioria passou a resolver os problemas através do diálogo;

---

<sup>10</sup> Cards: Conjunto de cartas com personagens animados, onde cada figura define uma característica específica, determinando uma representação de poder que irá reger o jogo.

- As crianças passaram a utilizar o espaço de apresentação também como veículo de socialização dos conhecimentos estudados em sala como: poemas, contos e curiosidades.
- A limpeza do pátio e os cuidados com a área verde, banheiro e as paredes da escola melhoram muito;
- Não tivemos mais guerrinhas de frutas ou desperdícios de alimentos;
- A interferência do projeto no currículo da educação infantil, pois durante nossos intervalos as crianças da Emei, ouviam o som do Hip hop e imediatamente começavam a dançar, ao perceber essas reações às professoras decidiram montar um projeto de dança com Hip hop para as crianças;

Com relação ao processo vivido, foram ainda detectadas algumas dificuldades:

- A 2°F e a 2°E tiveram dificuldades de relacionamento durante o intervalo, surgindo sempre em questões como: dividir materiais, respeitar a vez do outro, resolver os problemas conversando e não batendo no amigo;
- As 4°séries oprimindo as 3° séries, tomando conta das quadras;
- Dificuldade na cooperação com os aparelhos de som, que deveriam ser colocados todas as terças-feiras nos intervalos;
- Surgiram algumas brigas;
- Cuidados com os materiais, pois perdemos muitas peças de dama, dominó, xadrez, futebol de botão e outros;

Possíveis alternativas e idéias sugeridas pelos estudantes em 2008:

- Criar um Jornal da escola;
- Os inspetores terão um caderno onde anotarão todas as ocorrências, os alunos que tiverem mais de três ocorrências deverão conversar com a coordenadora;
- Elaborar uma campanha de doação de brinquedos para o intervalo;
- Cuidar melhor dos materiais, guardando as peças nas caixas e não jogando.

O projeto nosso intervalo, não termina aqui e nem temos a pretensão de resolver todos os problemas de uma só vez, mas um aspecto não se pode negar, mudamos a nossa

história escolar. Mesmo reconhecendo que ainda há muito por transformar, alguns passos importantes foram dados.

Outra forma de conceber ou pensar o currículo foi proposta. Nesta, as vozes dos silenciados foram ouvidas, as relações de poderes foram desequilibradas, dando espaço para democracia, construindo novas representações partindo da realidade concreta, onde, de forma coletiva, compusemos e reescrevemos o currículo escolar, na tentativa de denunciarmos e fazer enxergar outros textos que também fazem parte de uma tradição, que intencionalmente (ou não) reproduz e transmitem suas informações ideológicas, colocando nossos/as alunos/as na posição de ouvintes, depósitos de informações, silenciados e controlados dentro de um sistema formador de mão de obra produtiva, pronta para atender aos interesses político, econômico e social do neoliberalismo.

No pequeno espaço curricular que é o intervalo, onde o tempo é tão curto, mas seu significado e tão grandioso, foi possível refletir nossa concepção de escola, educação, alunos/as e de sociedade. Esse é um ponto muito importante, pois, o currículo ao ganhar vida em meio aos diversos cenários escolares, contribui de forma decisiva na formação das identidades dos cidadãos e cidadãs que a escola forma.